

HISTÓRIA E LITERATURA NO CONTEXTO MOÇAMBICANO

Maria Cesalânia Pereira Dos Santos¹, Sueli da Silva Saraiva²

Resumo: A proposta inicial deste trabalho é abordar a relação entre História e Literatura. Deste modo, a pesquisa a deter-se em discutir sobre o que é História e o que é Literatura e refletir sobre o alcance e os limites entre esses dois campos na obra *Vinte e Zinco* (1999) do escrito moçambicano Mia Couto. Em termos gerais, compreende-se que a Literatura é uma área que tem por princípio narrar eventos ficcionais, enquanto que a História se trata unicamente dos acontecimentos verdadeiros e incontestáveis. Deste modo, pode-se afirmar que ambas áreas consistem em campos de conhecimentos distintos, sendo assim, de que modo eles dialogam? Como a História pode ajudar na compreensão de um texto literário e vice e versa? A Literatura pode ser vista como objeto solto em relação a História? Para responder tais questionamentos, a metodologia baseia-se nos argumentos de autores como: José Verissimo, Benjamin Abdala Junior, Luiz Costa Lima, Linda Hutcheon. Assim, através das exposições e de várias acepções do termo Literatura e História, nota-se que esses dois ambientes de narração dialogam. Em hipótese inicial, a pesquisa revela que o texto literário usa dos recursos que legitimam os acontecimentos históricos para sua narrativa de ficção. O evento é único, mas a maneira de discursar resulta em variações.

Palavras-chave: Literatura. História. Moçambique. *Vinte e Zinco*.

INTRODUÇÃO

Na visão de Aristóteles, “a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas que podiam acontecer do ponto da verossimilhança ou da necessidade” (1985). O termo verossimilhança significa semelhança da verdade nos textos, ou seja, deve haver uma sequência descritiva sendo possível uma realidade construída dos fatos. Que não necessariamente deve corresponder à realidade externa a narrativa. Assim, de acordo Chartier:

para encontrar as especificidades da narrativa histórica está no método da disciplina, uma vez que, a trama desenhada pelo historiador só é possível quando se coleta dados, citações, materiais, a produção de

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: cesalaniasonas@gmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, suelisaraiva@unilab.edu.br

hipóteses e verificação crítica para legitimar como narrativas distintas da literária. (CHARTIER, 2002 apud FURTUNATO; ANDRANDE, 2009, p.113)

Para o crítico José Veríssimo, a arte de escrever, o cuidado com os termos e expressões linguísticas, é tão importante quanto o desenho é para a pintura, “Assim na expressão escrito são artifícios correspondentes a esse que fazer da simples representação verbal das coisas vistas ou sentidas uma arte” (VERÍSSIMO, 2001).

Diferentemente de obras que abordam uma concepção de história, isto é, que contém verdades, é necessário que uma escrita ficcional desperte sentimento individual. Nessa perspectiva, o texto literário transmite emoção, isto é, a habilidade de provocar sentimentos de afeição que dão a um livro interesse permanente, resultando na condição literária. Pois, “As emoções são fugitivas, não se somam e incorporam umas às outras como o conhecimento, são uma serie de experiência que mudam constantemente sendo inesgotável a faculdade de comover”. (VERÍSSIMO, 2001, p.31). Por isso, de acordo com Veríssimo Homero desperta emoção, e as emoções humanas permanecem essencialmente as mesmas.

Entretanto, é questionável se assim como a literatura, de acordo com acepção de Veríssimo, a história não utilizaria tais artifícios para dar verossimilhança na obra de caráter factual. Não está em discursão se o que está contido em ambas as disciplinas é verdade ou não, e sim como é elaborado esse discurso, e de que forma é resgatado o passado. Pois a história pode chegar a uma conclusão, mas não pode ser a única verdade absoluta. O passado realmente existiu. A questão é como podemos conhecer esse passado hoje e o que conhecer a seu respeito. Será pela história ou pela literatura? Para tentar encontrar resposta a esse questionamento precisa-se da visão contemporânea para debater e debruçar melhor sobre o assunto, pois:

muitos desses debates partem do pressuposto de que o passado pode ser apreendido com precisão; é apenas uma questão de como fazê-lo melhor. Como registro da realidade do passado, a história, segundo essa visão, costuma ser considerada como radicalmente incontestável com a literatura, cujo caminho para a “verdade” se baseia em seus *status* autônomo. Essa é a visão que institucionalizou a separação entre estudos literários e históricos no campo acadêmico. (DERRIDA, 1976 apud HUTCHEON, 1988, p.129)

Porém, de acordo com Linda Hutcheon (1988), o que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensina é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado. “Em outras palavras, o sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses, supostos, acontecimentos passados em versões, de fatos históricos presentes” (HUTCHEON, p.122 1988). Deste modo,

a metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem a pretensão á verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão a verdade. (HUTCHEON, 1991, p.127)

Esse termo proposto por Hutcheon e outros, surgiu depois dos anos 70 e junto com ele outro termo chamado de Nova História. A nova história nada mais do que, ao invés de termos uma única versão dos fatos passamos a ter várias, pois a maneira como vejo algo depende da sociedade que pertença, qual é o meu discurso e esse discurso estão atrelados a que práticas de conhecimento.

METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho foi o levantamento bibliográficos e na leitura preliminar da obra, observando como a literatura usa dos recursos da história para a construção da sua narrativa e como a literatura pode esclarecer e antecipar a própria história, em especial quando se tratar de literaturas africanas de língua oficial portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra Vinte e Zinco, de Mia Couto, do ponto de vista da metaficção (Hutcheon), é o registro literário do 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravos, tal

como se manifestou e foi sentida pelos moçambicanos, que vivenciavam o último tempo do colonialismo português. Para Moçambique, essa data não representou o fim do colonialismo; extinto, mais ou menos um ano mais tarde, no dia vinte e cinco de junho de 1975, quando, então, foi proclamada a independência política moçambicana.

Segundo Flavio García (2009) está exposto dentro do projeto de Mia Couto resgatar e afirmar suas tradições culturais e, ao mesmo tempo, “recontar a história moçambicana reprimida, permitindo sua releitura sob um novo prisma. De tal modo, Mia Couto desconstrói e reconstrói a realidade colonial, denunciando-a tematicamente”. Notar se que a história do colonialismo português, tanto em Moçambique com nas demais colônias, está ligado a um processo de superposição cultural ao lado dos mecanismos econômicos de exploração das riquezas naturais e tráfico de escravos. A personagem Irene não aceita esse sistema e reage identificando-se com a terra moçambicana como expressão de recusa ao autoritarismo, colonialismo. A peripécia, ou seja, o evento inesperado acontece quando Tchuisco conta o que realmente aconteceu com ele e quais os motivos que o levou a ser cego. As autoras Fortunato e Andrade diz que:

a verdade construída pela história está baseada tanto numa metodologia, quanto no lugar de construção do seu discurso. Já a literatura, passa a ser considerada uma aliada da história por ser capaz de dar acesso aos historiadores às sensibilidades e às formas de ver o mundo, mas a produção de seu saber não pode ser definida de acordo com uma relação de submissão a uma ciência. (FORTUNATO e ANDRADE, p.115, 1988).

Dessa forma, a data comemorativa de 25 de abril, Mia Couto fez uma magnificência ao descrever a sensibilidade, a forma e as visões dos moçambicanos em relação à mesma em sua obra *Vinte e Zinco*. “Porque em Moebase não sucedia nada. Tudo continuava nem no mais nem no menos. Não era esse dia, 25 de Abril, que fazia o antes e o depois daquela terra”. (1999, p.123). Na fala da personagem Jessumina. “ Este vinte e cinco não é nada. Hão-de vir outros vinte e cincos, mais, desses em que só há antes e depois. ” (1999. p. 119). Portanto a independência do país colonial foi apresentada indiretamente na obra, ainda se observa que o acontecimento histórico vivido pelos Portugueses não era vivido da mesma forma por moçambicanos.

CONCLUSÕES

Considerando as exposições e de várias acepções do termo Literatura e História, nota-se que esses dois ambientes de narração dialogam. E o texto literário, nessa análise, a obra *Vinte e Zinco* de Mia Couto, usa dos recursos que legitimam os acontecimentos históricos para sua narrativa de ficção moldando o discurso para obter a sua pretensão, isto é, descrever a sutileza, a forma e as visões dos moçambicanos em relação à uma data histórica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Prof. Dr. João Batista por ter acreditado no meu potencial acadêmico logo no meu primeiro ano de graduação e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UNILAB por ter financiado essa pesquisa no período de 2013 a 2014. Agradeço também a Profa. Dra. Sueli Saraiva por te me orientado posteriormente nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

- COUTO, Mia. **Vinte e Zinco**. Lisboa: editorial Caminho, 1999.
- FORTUNATO e ANDRADE. **Narração histórica, narração literária**: uma aproximação possível: IN Revista de história; João Pessoa, jan-jun, 2009.
- GARCIA, Flavio. **A mítica telúrica moçambicana em A Varanda do Frangipani, de Mia Couto**: Vertentes do real maravilhoso na literatura contra hegemônica da África lusófona. Mulemba - n.1 - UFRJ - Rio de Janeiro - Brasil - Outubro de 2009.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: História, teoria, ficção. 1. ed. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago. 1991.
- VERISSÍMO, José. **O Que é Literatura e outros escritos**. São Paulo, 2001.